

"Estamos de portas abertas para você." Marina Marques.



ARQUITETURA HOSTIL em Curitiba:

-o desenho da exclusão.



ARQUITETURA HOSTIL em Curitiba:
-o desenho da exclusão

Lorrane Vanicia Correia Castilho
Marina Marques dos Santos
Letícia Luiz Carta
Maria Vitória Barddal
Anabelle Retondario

Curitiba, 2026





ELABORAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E INFORMAÇÕES:

Projeto de Extensão Rango de Rua: atenção à população em situação de rua por meio do alimento

E-mail: extensao.nutricao.ufpr@gmail.com

Instagram: [@extensaonarua_ufpr](https://www.instagram.com/extensaonarua_ufpr)

ORGANIZAÇÃO E REDAÇÃO:

Anabelle Retondario

André Ligmanoski Garcia

Eduardo Pontes

Gabriela Gusmão Batista

Giuliana Rampim Garcia

Heloisa Salvador Barbosa

Jackson Pereira

Katia Pessanha

Letícia Luiz Carta

Lorrane Vanícia Correia Castilho

Maria Vitória Barddal

Marina Marques dos Santos

Thaynar de Araujo Alves

ORIENTAÇÃO E REVISÃO:

Anabelle Retondario

ARTE:

Letícia Luiz Carta

Maria Vitória Barddal

A772 Arquitetura hostil em Curitiba [recurso eletrônico]: o desenho da exclusão /
 organização e redação, Anabelle Retondario ... [et al]. – [Curitiba]: Universidade
 Federal do Paraná, 2026.
 1 recurso online : PDF

"Este álbum é resultado do evento de extensão "Hostilidade à vista: registrando a
cidade que repele", realizado por extensionistas do projeto "Rango de Rua: atenção à
população em situação de rua", do Departamento de Nutrição da Universidade
Federal do Paraná (UFPR)".

Inclui referências.
e-ISBN 978-65-5458-126-4

1. Vulnerabilidade social. 2. Arquitetura. 3. Isolamento social. 4. Pessoas mal-
alojadas. I. Retondario, Anabelle. II. Título.

CDD 362

Maria da Conceição Kury da Silva CRB 9/1275



SUMÁRIO

- 03** Apresentação
- 05** Introdução
 - 05** Sobre a arquitetura hostil
 - 09** Nosso cenário
- 11** Conheça a equipe
- 15** Registros
 - 17** Bancos hostis
 - 19** Barreiras
 - 25** Espetos
 - 31** Jardins
 - 35** Mensagens
 - 37** Ponto de ônibus
 - 39** Portões e grades
 - 43** Inclinações
- 47** Conclusão
- 49** Referências
- 50** Agora é a sua vez!



APRESENTAÇÃO

Este álbum é resultado do evento de extensão “Hostilidade à vista: registrando a cidade que repele”, realizado pelas extensionistas do projeto “Rango de Rua: atenção à população em situação de rua por meio do alimento”, do Departamento de Nutrição da UFPR.

O evento teve como objetivo explorar os espaços urbanos do centro de Curitiba, registrando exemplos de arquitetura hostil para provocar reflexão sobre a forma como ocupamos e somos impedidos de ocupar a cidade.

No dia 03/10/2025, doze participantes se dividiram em três grupos, partindo do prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade. Sob chuva, percorremos ruas, calçadas e praças com um olhar atento para as estruturas que moldam o cotidiano urbano e, muitas vezes, passam despercebidas para quem tem mais privilégios. Vimos e fotografamos bancos, barreiras, espetos, jardins e outros dispositivos instalados para organizar o uso dos espaços e, com isso, também restringir sua ocupação.



APRESENTAÇÃO

Nas páginas que seguem, apresentamos uma definição das estruturas que encontramos (com textos da incrível Marina Marques dos Santos) e apresentamos parte do que encontramos em nossos trajetos, convidando você a refletir conosco: de que maneira essas estruturas afetam a sua experiência na cidade?

A quem pertencem os espaços públicos e os espaços privados de acesso público?

Quem pode e quem não pode estar visível nos centros urbanos?

Esperamos que as imagens provoquem incômodo, assim como essas estruturas incomodam no nosso cotidiano. Mas que esse incômodo também se transforme em movimento: que este álbum sirva de base para repensar a arquitetura, o direito à cidade e os modos de convivência nos espaços urbanos.

Com dedicação, das extensionistas do Projeto!



INTRODUÇÃO

Sobre a arquitetura hostil:

[Texto de Vanicia Castilho]

Curitiba, frequentemente celebrada por seu planejamento urbano, inovação e títulos de “cidade modelo”, oculta em seu cotidiano uma estratégia de design menos visível e mais controversa: a **Arquitetura Hostil**. Longe de ser apenas uma escolha estética casual, este conceito define o uso deliberado de elementos no espaço público – sejam eles mobiliário urbano, paisagismo ou barreiras – projetados com a função primária de **dissuadir e proibir** certas condutas, sobretudo o repouso, a permanência prolongada ou a ocupação por grupos considerados “indesejados”.

Sob a aparência de zelar pela **ordem, segurança** ou **harmonia estética**, a arquitetura hostil é, em essência, uma tecnologia de **controle social disfarçado**. A cidade, que se orgulha de ser “inteligente”, utiliza uma linguagem de concreto e ferro para demarcar limites invisíveis, enviando uma mensagem clara: **“você não é bem-vindo a permanecer aqui.”**



INTRODUÇÃO

Este projeto silencioso não atinge apenas um grupo. Embora as **pessoas em situação de rua** sejam as vítimas mais visíveis e diretamente afetadas, a hostilidade do design urbano se estende a qualquer indivíduo que busque uma pausa no espaço público: **idosos** à procura de um assento confortável, **jovens** reunidos em praças ou **pessoas com mobilidade reduzida** que dependem de infraestrutura acessível. Ao invés de mobiliário que convida ao descanso, encontramos **superfícies inclinadas, divisórias rígidas** e a **remoção intencional** de infraestrutura de permanência.

A arquitetura hostil é, portanto, uma **escolha profundamente política** que redefine o direito à cidade. Cada barreira ou remoção de conforto expressa uma decisão sobre quem pode ocupar e quem deve ser expulso de seus limites visíveis. É o contraste brutal entre o planejamento (o concreto) e o abandono (a carne), onde a dignidade humana é sacrificada em nome de uma ordem superficial.

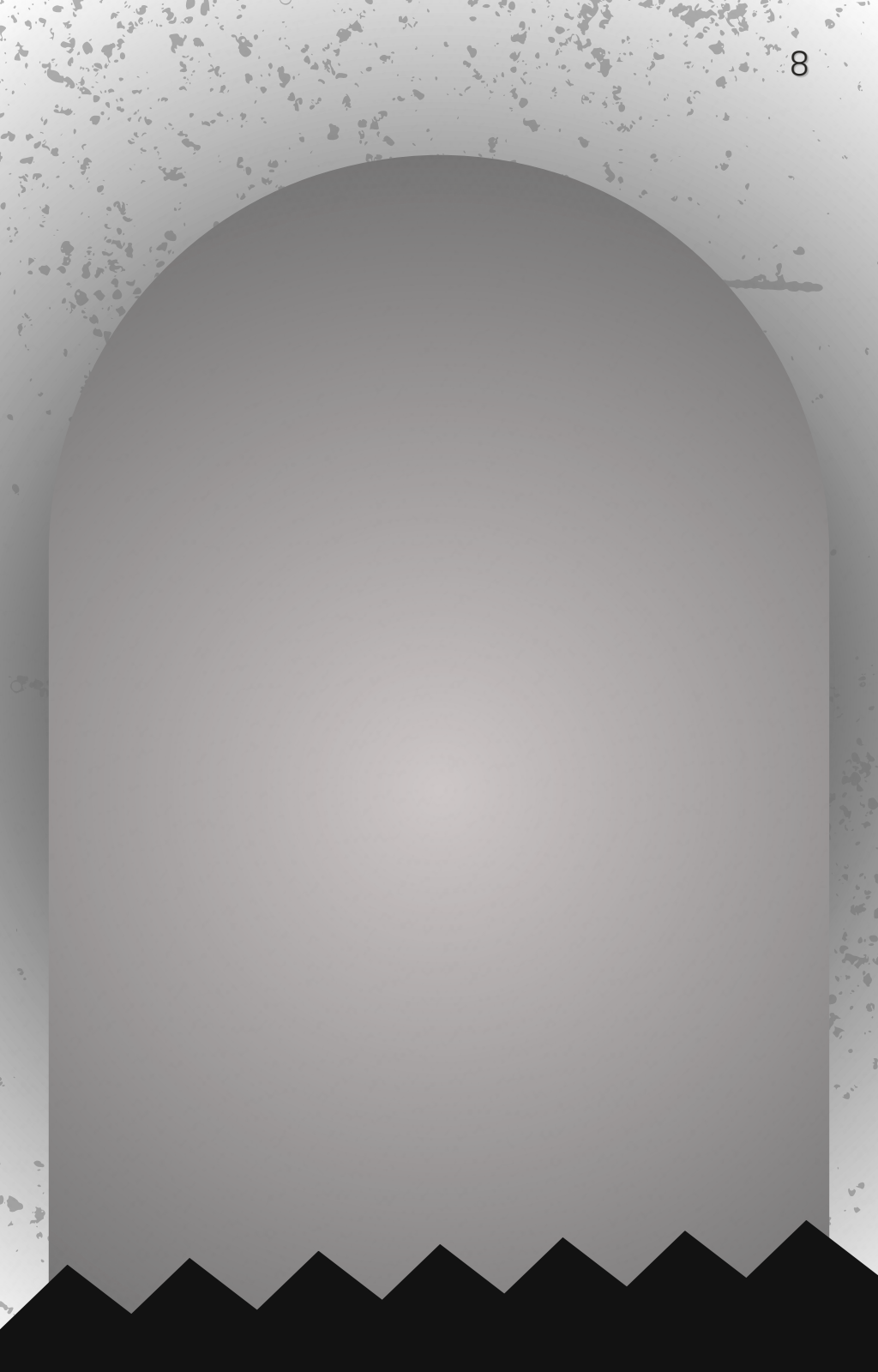


INTRODUÇÃO

As imagens que compõem este livro registram esse mecanismo de **negação**. Elas desvendam o modo como o ambiente urbano curitibano se transforma em um instrumento de controle, expondo a contradição entre o discurso de "cidade modelo" e a prática da exclusão. Mostrar essa arquitetura é **escancarar** que, sob a retórica da ordem, o que se pratica é a anulação do direito de estar.

Este trabalho vai além do registro fotográfico de obstáculos. É um convite à **reflexão sobre a ética do espaço público**. O **direito à moradia** e o **direito à cidade** – fundamentos da dignidade humana – são negados não apenas pela ausência de teto, mas pela hostilidade da própria rua que repele o corpo cansado. A arquitetura hostil não apenas impede o repouso; ela ativamente **constrói o esquecimento** e nega o reconhecimento.

Ao observarmos estas imagens, somos convocados a fazer o oposto: **olhar de verdade**, interromper a indiferença e questionar que cidade estamos, de fato, construindo e para quem ela realmente existe.





NOSSO CENÁRIO

No mapa abaixo, estão demarcados os trajetos de cada grupo durante a caminhada fotográfica.





NOSSO CENÁRIO

Partindo da praça Santos Andrade, o grupo amarelo caminhou até a Rua Brigadeiro Franco, passando pela XV de Novembro, praça Osório, Comendador Araújo e retornando pela Vicente Machado, praça Tiradentes, Riachuelo e Alfredo Bufren, novamente ao prédio histórico.

O grupo vermelho seguiu pela XV de Novembro até a praça Osório, retornando pela Cândido Lopes, praça Tiradentes e travessa Tobias de Macedo. Alcançando a praça Santos Andrade, novamente, o grupo seguiu adiante pela Amintas de Barros até a Dr. Faivre, retornando novamente pela rua XV.

O grupo verde seguiu pela rua XV e retornou pela Marechal Deodoro. Depois, desceu pela Barão do Rio Branco até a André de Barros, retornando pela Westphalen, Pedro Ivo e Marechal Floriano, até alcançar novamente a Marechal Deodoro. Antes de retornar à praça, o grupo ainda cruzou a praça Tiradentes e alcançou o Largo da Ordem, na Barão do Serro Azul.



CONHEÇA A EQUIPE!



Anabelle Retondario: professora do Departamento de Nutrição da UFPR, extensionista e pesquisadora junto à população em situação de rua e outras populações vulneráveis. Coordenadora do Projeto de Extensão "Rango de Rua: atenção à população em situação de rua por meio do alimento".



Eduardo Pontes: Estudante de Gestão da Informação na UFPR e entusiasta de fotografia, registra o mundo e as pessoas que nele vivem.



Gabriela Batista: tenho 20 anos, atualmente sou graduanda do curso de farmácia da UFPR. Sou extensionista do projeto rango de rua e integrante da liga acadêmica de assuntos regulatórios da USP.



CONHEÇA A EQUIPE!



Jackson Pereira: estudante de Arquitetura e Urbanismo pela UFPR, e busco através dos estudos entender a arquitetura que separa o ser humano e o espaço público da qual ele pertence. A hostilidade encontrada no centro e em outras áreas dentro de Curitiba mostra a realidades de muito dos que estão em situação de vulnerabilidade social, as farpas postas pela sociedade, oprimem e jogam quem a ela não pertence. Muitas vezes a arquitetura pode ser bonita e acolhedora, por outro lado ela pode ser mortal e limitadora.



Katia Pessanha: escritora, fotógrafa, atriz e ativista. Escreve poemas, contos, crônicas e artigos publicados em jornais, revistas e antologias. Além de livros de não-ficção, teve seu romance "Marrana! Amor e intolerância em tempos de Inquisição" publicado em 2018.



Letícia Carta: sou estudante de nutrição e integro o Rango desde o começo do ano. O que mais me encanta é o caráter multidisciplinar do projeto, que nos permite transitar entre as ciências da nutrição, sociologia, artes visuais etc. Ajudando a nos formarmos profissionais com uma visão mais ampla e plural da sociedade em que vivemos.



CONHEÇA A EQUIPE!



Maria Barddal: Oiê, sou estudante de Nutrição na UFPR, desde 2021 e sendo extensionista do Rango desde o segundo ano da graduação. O Rango de rua é um projeto que vai muito além do alimento e da clássica nutrição e esse álbum é uma amostra justamente disso!



Marina Marques: graduanda em Nutrição pela UFPR e integrante do Rango desde o primeiro semestre de 2024 — por acreditar que saúde e nutrição vão além da dimensão biológica. Eterna amante da literatura, aspirante a pesquisadora nas áreas de alimentação e gênero e entusiasta de projetos de extensão e eventos de divulgação acadêmica.



Thaynar de Araujo Alves: faço engenharia química e sou obcecada em água vivas.



CONHEÇA A EQUIPE!



Giuliana: tenho 24 anos, sou estudante do curso de farmácia e gosto muito da área de saúde coletiva. Adoro ler livros e assistir filmes.



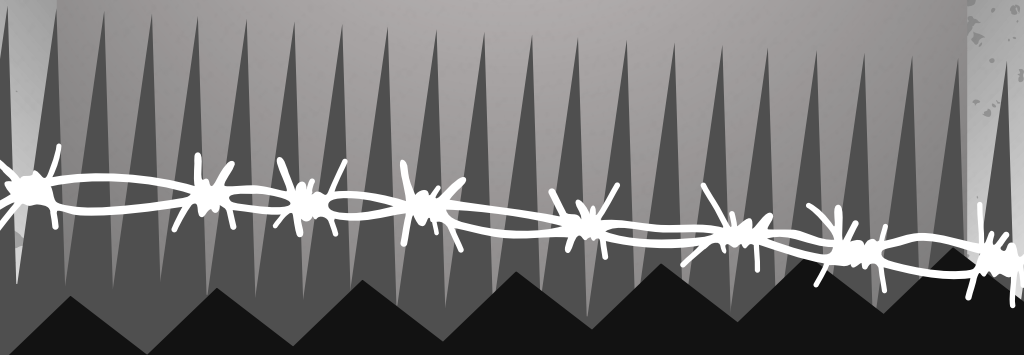
Vanícia: Extensionista do Rango e estudante do 2º período de nutrição. Acredito que comer é um ato político e por isso enxergo na nutrição uma forma ativa de combate à insegurança alimentar.

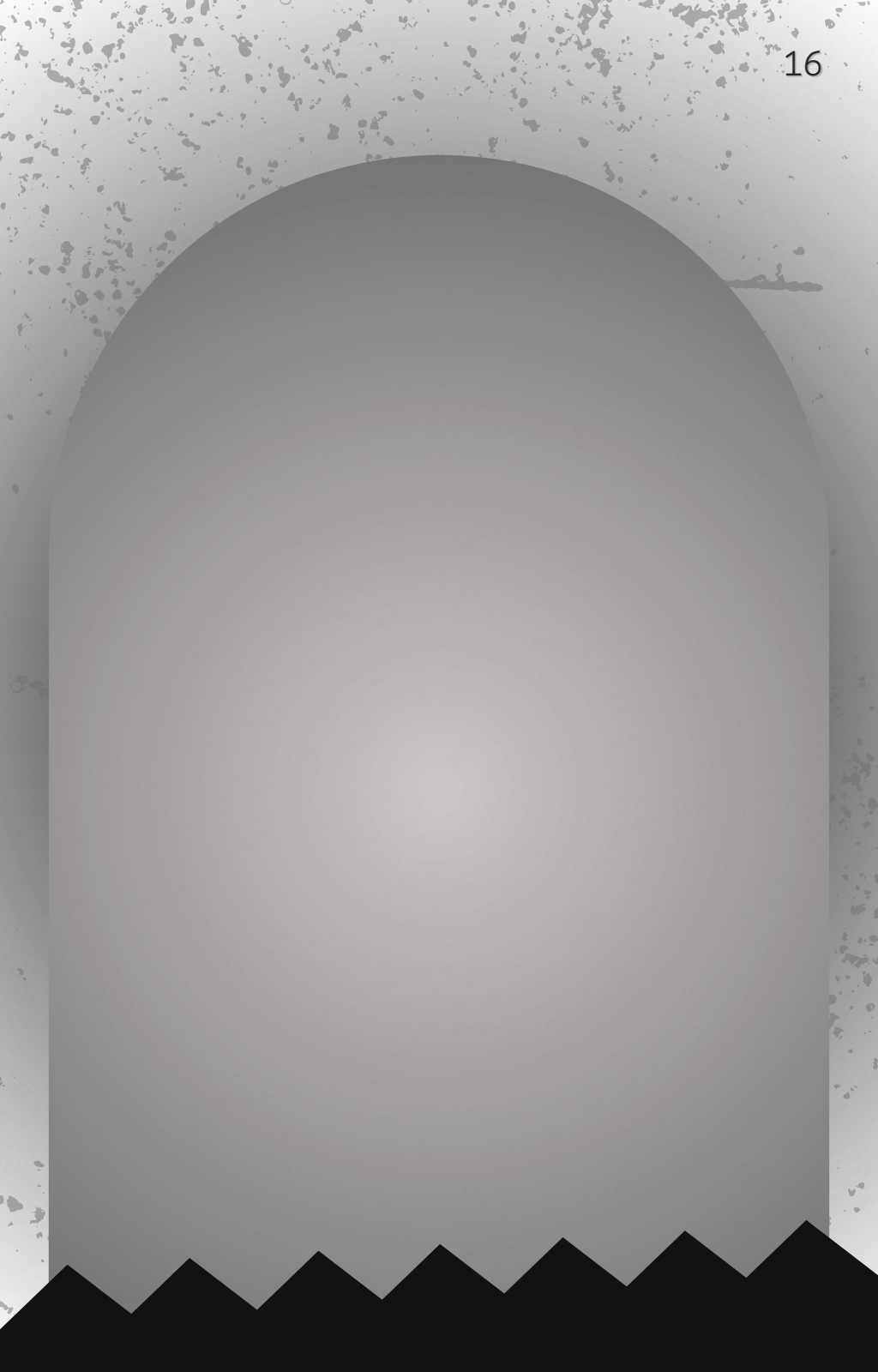


Andre Ligmanoski Garcia: sou graduando de nutrição pela UFPR, estou no 8º Período. Atualmente participo do Projeto de Extensão Ações de SAN em Piraquara, também integro a diretoria da Liga Acadêmica de SAN (LASAN). Acredito na nutrição enquanto ferramenta de inclusão social e bem estar, por meio de atividades de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) e políticas públicas que alcancem de fato a população.



REGISTROS





BANCOS HOSTIS

Banco de rua: Bancos públicos que, para afastar pessoas, são elaborados de maneira que impeçam ou dificultem o seu uso por longos períodos. Podem ser utilizados elementos como pinos, espetos e divisórias ou ser projetados sem encosto e/ou com inclinações e formatos desconfortáveis.



Anabelle Retondario



BANCOS HOSTIS



Maria Barddal

BARREIRAS

Barreiras: Elementos que restringem o uso público de espaços vazios, como muretas, marquises, pisos cobertos e fachadas, para descanso ou refúgio pelos transeuntes. Geralmente são grades, cercas e placas embutidas posicionadas ao entorno de prédios, limitando o espaço da calçada e impedindo o acesso à base das estruturas.



Jackson Pereira

BARREIRAS



Katia Pessanha



Anabelle Retondario



BARREIRAS

"Não sentar."
Marina Marques



Anabelle Retondario



"(Des)abrigo."
Marina Marques





BARREIRAS



Maria Barddal



Gabriela Batista



Anabelle Retondario



BARREIRAS

Anabelle Retondario



"Restrito."
Marina Marques



Eduardo Pontes



Eduardo Pontes

BARREIRAS



Leticia Carta



Gabriela Batista



Jackson Perreira

ESPETOS

Espetos: Pinos ou pontas de ferro, cilíndricos ou pontiagudos, instalados em sequência e dispostos em grande quantidade principalmente em muretas, área das marquises, fachadas e pisos cobertos, para impossibilitar ou dificultar que as pessoas se sentem ou deitem nesses locais



Anabelle Retondario

ESPETOS



Marina Marques



Anabelle Retondario



Eduardo Pontes

ESPETOS

Você colocaria isso no banco dos seus filhos?
Letícia Carta



Roupas e espetos. Marina Marques



"Proteção."
Marina Marques



Anabelle Retondario



ESPETOS



Eduardo Pontes



Eduardo Pontes



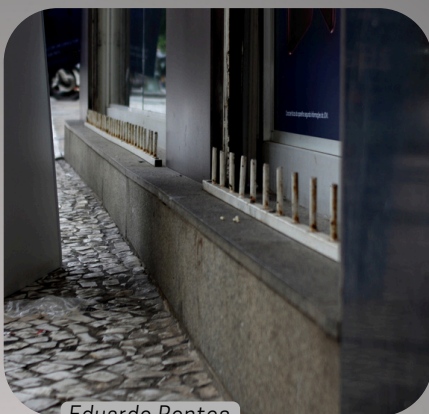
Jackson Pereira

ESPETOS

Gabriela Batista



Eduardo Pontes

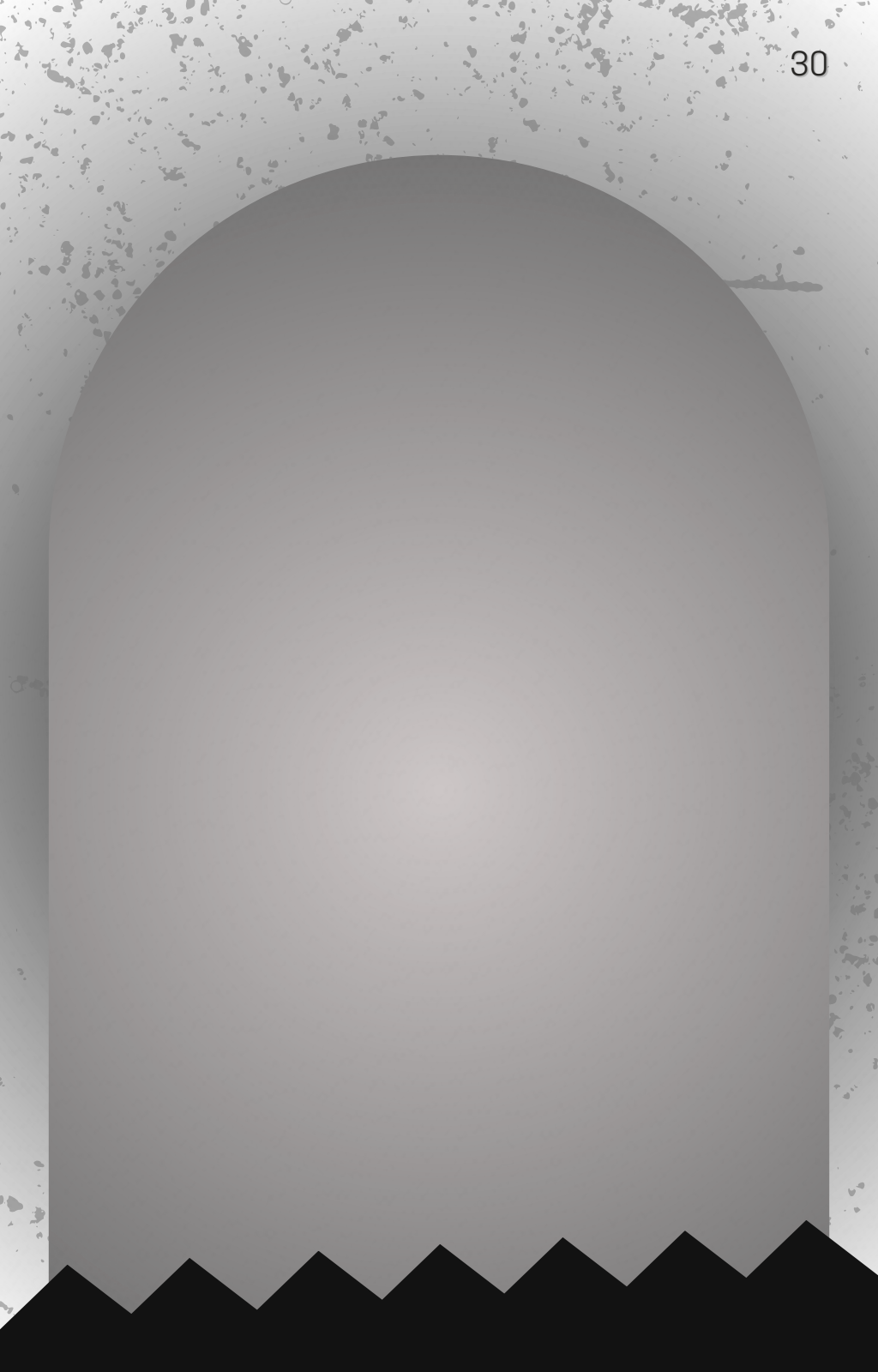


Marina Marques



Paisagismo hostil.
Leticia Carta







JARDINS

Jardins hostis: Colocação de plantas com espinhos ou pedras grandes e pontiagudas em canteiros ou áreas de calçada para tornar o espaço desconfortável para permanência por período prolongado e inutilizável para descanso. Inclui também o posicionamento de vasos de plantas em fachadas, muretas, marquises e áreas de piso coberto para impossibilitar o uso do espaço para descanso ou refúgio.



Florir
Anabelle Retondario



JARDINS



"A biblioteca"
Marina Marques



Anabelle Retondario



Marina Marques

JARDINS



Jackson Pereira



"O que veio primeiro?."
Maria Barddal



Eduardo Pontes



Jackson Pereira



JARDINS



Anabelle Retondario



Gabriela Batista



"Intenções."
Maria Barddal



Jackson Pereira

MENSAGENS

Mensagens de afastamento: Placas ou papéis informativos que avisam a proibição do uso do espaço para sentar, deitar ou permanecer. Justificam o impedimento da possibilidade de uso desses espaços como sendo algo que pode prejudicar a visibilidade ou por serem espaços de passagem ou trânsito de pessoas (apesar de nem sempre serem).



Jackson Pereira



MENSAGENS

"De quem estamos nos defendendo."

Leticia Carta



"Proibido sentar."

Marina Marques



Marina Marques



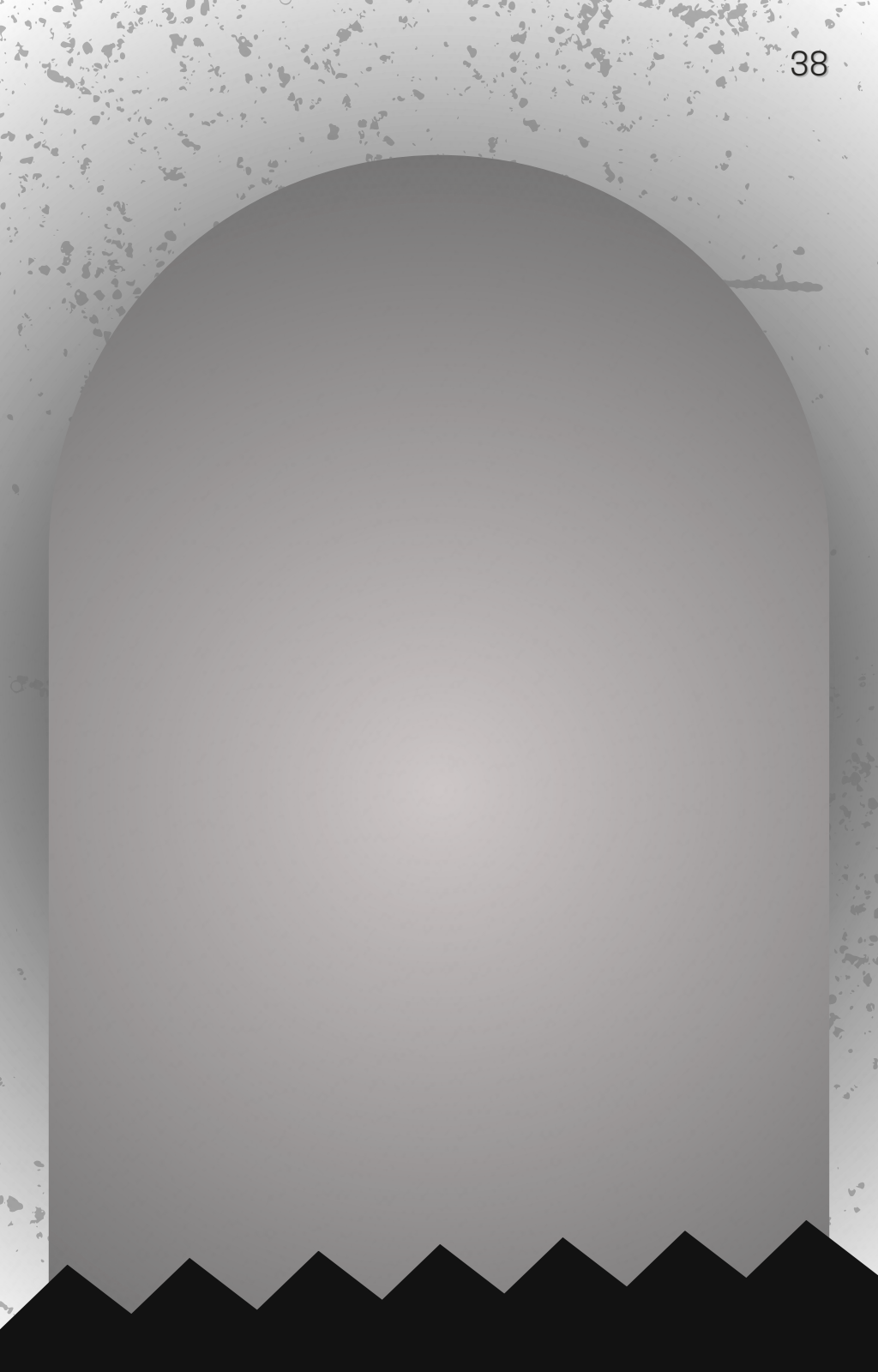
Eduardo Pontes

PONTO DE ÔNIBUS

Ponto de ônibus: Projetados sem bancos para descanso, com encosto cilíndrico e/ou com coberturas curtas visando impedir a permanência por longos períodos e tornando o uso do espaço desconfortável para sentar, deitar e se abrigar.



Katia Pessanha



PORTÕES E GRADES

Portões e grades: Inserção de grades e portões no entorno de ambientes públicos, como praças e estruturas prediais, regulando a circulação e restringindo a permanência prolongada por meio de horários de abertura e fechamento que limitam a utilização do ambiente e geram controle social.



"Praça pública privada."
Marina Marques



PORTÕES E GRADES

"Educação e inclusão."
Marina Marques



Gabriela Batista



Leticia Carta



Tão bonitas, tão excludentes...
Anabelle Retondario





PORTÕES E GRADES



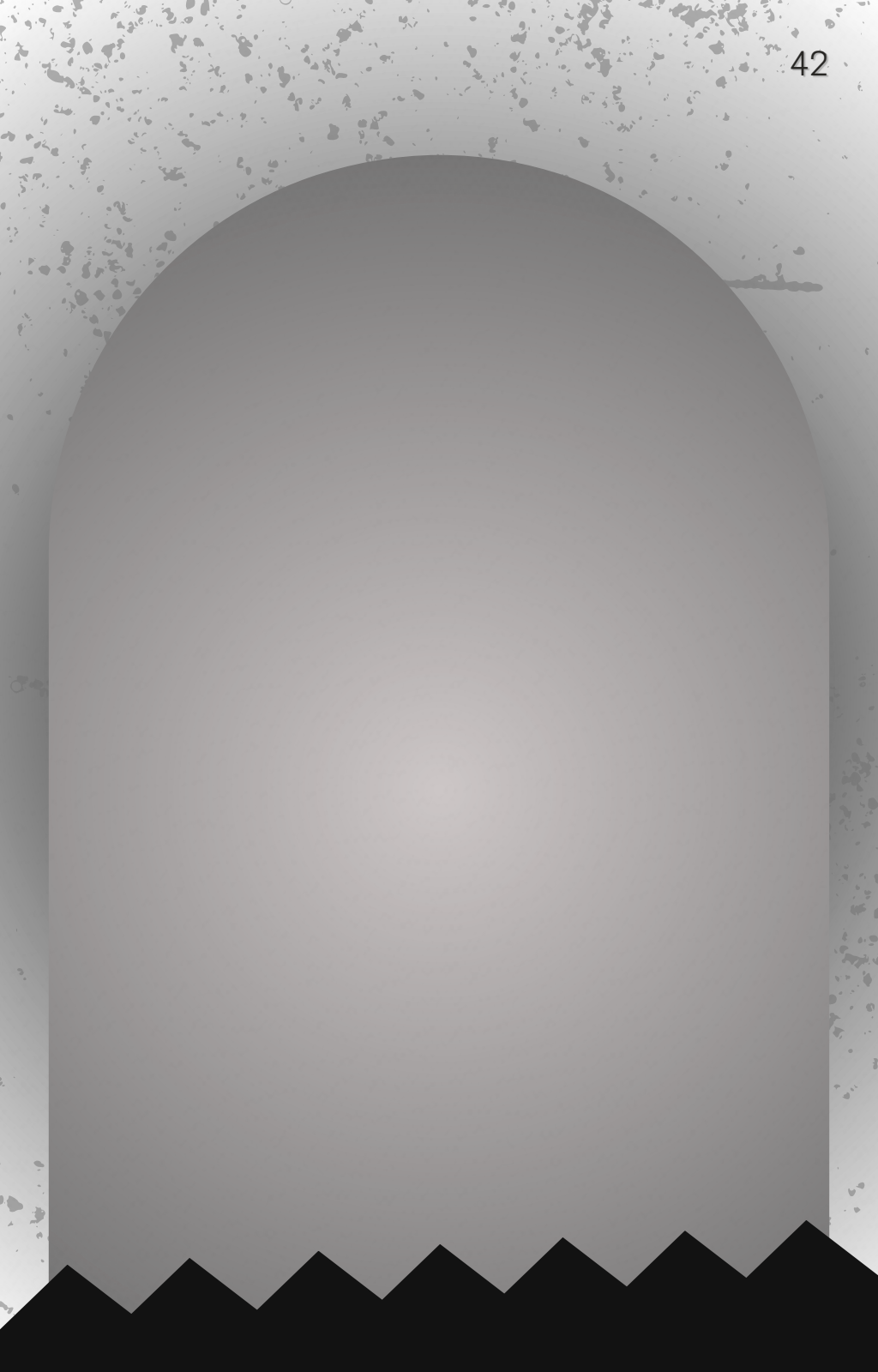
Anabelle Retondario



Leticia Carta



"Obrigada deus, por essa Grade."
Leticia Carta



INCLINAÇÕES

Inclinações: Bordas de janelas, muretas ou marquises inclinadas que tornam impossível sentar para descanso e impedem o uso do espaço como abrigo.



Gabriela Batista

INCLINAÇÕES



Eduardo Pontes



As cores da rua. Marina Marques

INCLINAÇÕES



Maria Barddal



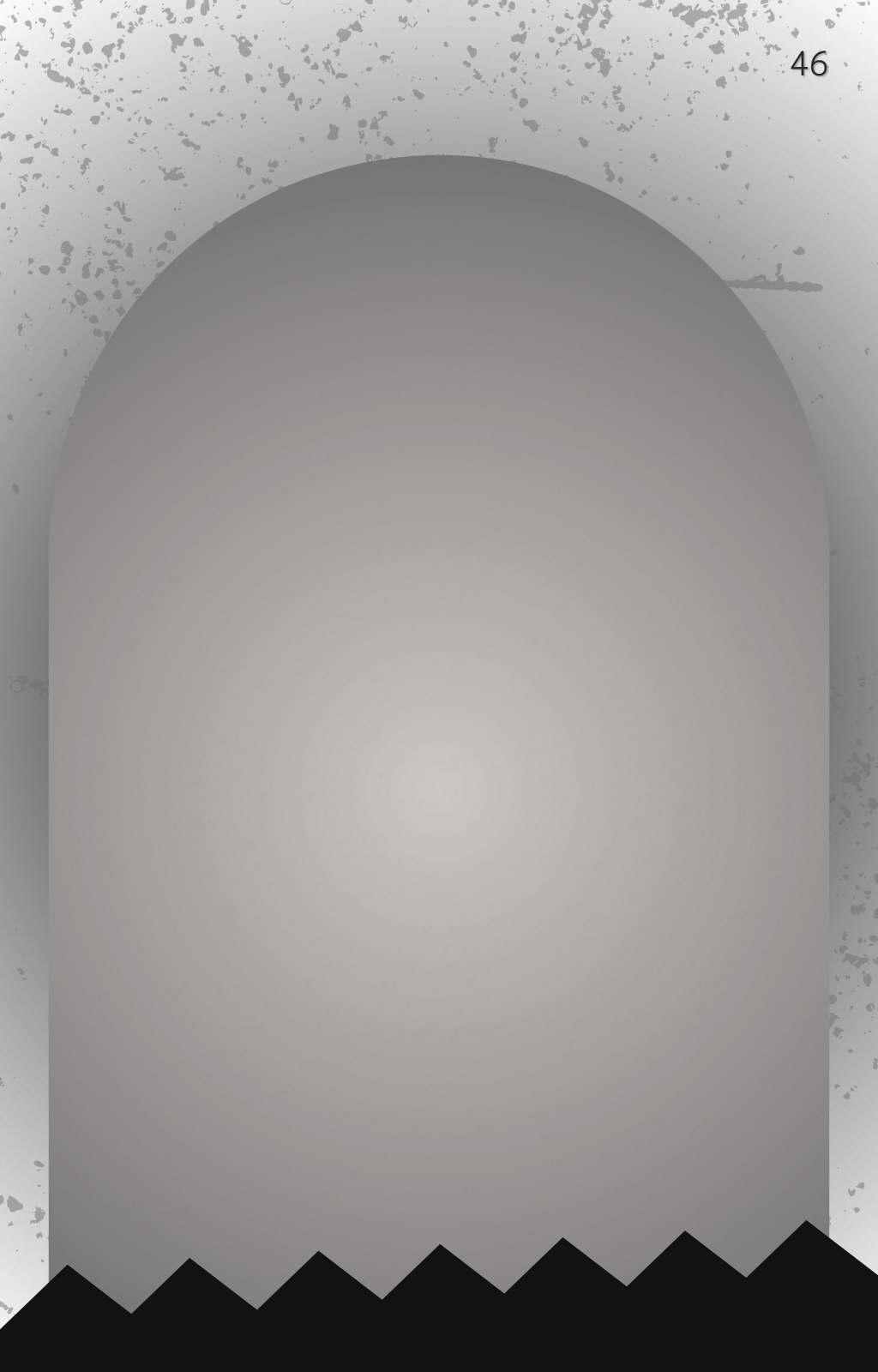
Anabelle Retondario



Leticia Carta



Maria Barddal





CONCLUSÃO

[Texto de Vanicia Castilho]

Ao longo destas páginas, testemunhamos a **gramática da exclusão** inscrita no tecido urbano de Curitiba. As fotografias apresentadas não são meros registros de paisagens, são a documentação de uma estratégia deliberada, onde a estética e o design são instrumentalizados para fins de **controle social**. A Arquitetura Hostil se revela, assim, não como um desvio, mas como parte integrante de um modelo de cidade que prioriza a fluidez e a propriedade em detrimento da permanência e da dignidade humana.

Curitiba, com suas contradições, serve como um poderoso estudo de caso. A "cidade modelo" demonstra que a **inovação** urbana pode coexistir com a **crueidade** social, provando que o planejamento inteligente é, muitas vezes, cego para as necessidades dos seus cidadãos mais vulneráveis. A hostilidade materializada em elementos como divisórias e obstáculos transforma o espaço público de um lugar de encontro e cidadania para um **território policiado** e negado.



CONCLUSÃO

O objetivo deste livro é, antes de tudo, romper com a **invisibilidade**. Ao expor essas estruturas, nosso propósito foi deslocar o olhar do observador da vítima para o objeto hostil. A negação do descanso é um sintoma; a doença é a falha sistêmica em garantir direitos básicos e em reconhecer a humanidade no outro.

Que estas imagens permaneçam como um **convite radical** a repensar a cidade. A verdadeira inteligência urbana não reside na tecnologia ou na eficiência do tráfego, mas na **capacidade de incluir** e acolher. O desafio que se coloca, a partir deste registro, é o de desativar, em nosso olhar e em nosso planejamento, a lógica da hostilidade. É hora de reivindicar um espaço público que seja, de fato, um lugar de **direitos** e de **pertencimento** para todos. A cidade que queremos construir é aquela onde o direito ao repouso não é um privilégio, mas uma certeza.

Com dedicação, das extensionistas do Projeto!



REFERÊNCIAS

NEXO JORNAL. O que é arquitetura hostil e quais suas implicações no Brasil. Nexo Jornal, 03 fev. 2021.

RAMPASI, Natália de Lara. Arquitetura hostil: uma crítica sobre a exclusão urbana. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel, 2020.



AGORA É A SUA VEZ!

Quando você se deparar com arquitetura deste tipo, registre e mande para a gente.

O link do formulário para envio das fotos permanece na bio do nosso Instagram, @extensaonarua_ufpr! Então, segue a gente por lá!



EXTENSAONARUA_UFPR

ARQUITETURA HOSTIL em Curitiba:

-o desenho da exclusão.

@extensaonarua_ufpr